



"Por um Mundo Novo, a Sério"

intervenções - comentários – reflexões - testemunhos

Evento(s): CNC, 2024-12-12

Keyword(s): Literacia Digital

Leitor(a): Nair Alexandra

Navegar é preciso

Sentada diante do computador. Agora, como converto o formato «PDF» para formato «Word» e vice-versa? Dantes guardava fotografias de uma maneira, mas uma empresa fornecedora de sistemas e programas decidiu que eu tenho de guardar fotos dando outros passos. Sigo nesta procissão de Senhor dos Passos digital. Rato e teclas, as minhas cruces. Dizem-me: «escolha este ícone. À esquerda, em cima. Vá a esta app». Eu, atenta, tensa, a obedecer. Noutro momento leio: «marque uma consulta neste sítio. Se tiver dúvidas, veja o nosso tutorial». Diante dos meus olhos, um vídeo que me explicará como ter acesso ao serviço que procuro. Mas o vídeo mostra uma coisa e eu vejo outra, no ecrã! Ou então: «use a senha». Qual delas? Tenho muitas senhas escritas à mão, afixadas numa estante do meu quarto, mas aí que não é essa e agora??? Certa vez: pego no telefone fixo, uma voz pede-me para clicar o número um no telefone para que a chamada seja gravada. «Se não autorizar esta gravação, contacte-nos pelos meios alternativos». Quais? Aceito a gravação da chamada, claro. «Marque três para as seguintes opções». Ouço e nenhuma me interessa. Noutro dia, um trabalho novo, a avançar. De súbito perdem-se imagens ou gravações, não deixam assinatura nem rasto! Nem no computador nem no telemóvel, onde se guardavam! Reconfigurei o quê, sem eu saber? Erro. Perdida em labirintos da minha crucificação digital.

Há muitas abordagens possíveis sobre a literacia digital, sem a qual a Democracia não existe. Escolhi esta.

Eu sou uma trabalhadora independente, não estou ligada a um local de trabalho, um ponto luminoso onde outras pessoas me ensinem mais e melhor sobre como usar computador e telemóvel, meus braços digitais para o mundo, que se transformam à velocidade da luz. Porque navegar aqui é preciso, procurei cursos para mexer melhor os tais membros digitais, com ícones, teclas, rato, as minhas cruces. Inscrevi-me num programa sobre computadores, num organismo do Estado, expliquei as minhas dificuldades palavra a palavra. E foi o diabo fazer a inscrição. Passo a passo, desta tecla à outra, o digital Senhor dos Passos, uma via-sacra de ecrãs, instruções e explicações: «este nosso programa nem sempre é compatível com os vossos computadores», explicaram. Encaixaram-me num certo curso on-line, sobre operações no Excel, e eu não percebia patavina. Paguei explicações a uma «zoomer», uma jovem nascida já no século XXI. Custou-me caro e volta e meia surgem-me dúvidas. Experiência e erro. E, mesmo raramente, caio num novo Gólgota.

Sou ainda nova, tenho um curso universitário, navego nas redes sociais, vou à conta bancária, passo recibos, busco imagens, vídeos, consulto arquivos on-line, preparo palestras em PDF, descubro publicações académicas na *net*. Faço isso e mais. Fui jornalista na imprensa, trabalhei para televisão, investigo em História contemporânea. E, assim mesmo, tive ladainhas de Senhor dos Passos. Então, o que dizer dos mais velhos, dos que só tiveram

quatro ou sete anos de escola, e a quem mandam guardar a vida num «smartphone»? Como é viver e mexer nos braços digitais para os idosos, para os desempregados ou até para alguns que trabalham? Por exemplo, como criar conteúdos sérios on-line, desenvolver um trabalho a partir de saberes já adquiridos e como divulgá-lo em rede?

Os números falam por si: dados divulgados pela ANACOM a 24 de janeiro de 2025 citam um estudo da União Europeia. O estudo, com dados de 2023, revela que, se num universo de 16 a 74 anos, 29,9% da população portuguesa está acima do nível considerado básico na literacia digital, 26% situa-se a nível básico, 27,1% abaixo do nível básico, 2,7% sem nível. E 14,2% não usa, sequer, *internet*.¹ Decididamente, não basta ir lá por experiência e erro, ao contrário do que nos dizem. E é preciso pagar e bem. E para lá do custo de um computador portátil e/ou de um telemóvel.

Só para lembrar: a *internet* não é uma entidade pública, paga com dinheiros públicos, sem fins lucrativos. Ao contrário da televisão e da rádio, não há uma rede estatal. E nem há antena aberta para canais públicos e privados, como sucedia com as anteriores TC. Se quero navegar aqui, na *net*, nem me basta despende dinheiro a uma operadora de telecomunicações. Tenho ainda de pagar anualmente aos donos das empresas e dos programas – no meu caso, quase cem euros anuais à Microsoft – para ter acesso às operações que executo. E num sistema «fechado», com serviços de empresas apenas compatíveis com um gigante como a mesma Microsoft ou com a operadora a quem pago mensalmente. Isto é o «mercado», essa entidade inevitável como a chuva ou o vento, assim dizem. Ganham as plutocracias com o digital e é cada vez mais fundo o fosso entre ricos e pobres, mas, sobre isso nem vou adiante. Falo apenas da minha experiência.

Obrigar-nos a navegar neste labirinto – mercantilizado - sem sequer cuidar de ensinar-nos a todas, a todos, a pegar no leme, é exclusão. Para comunicar com a Segurança Social ou com as Finanças, os patamares mais básicos da nossa relação com o Estado, temos de ir à *net*, sem a qual nada feito. Se quiser marcar uma consulta médica tenho de ir à aplicação estatal (e, às vezes, não resulta). Isto é antidemocracia. É a opacidade das instituições, do Poder. É a costura mal feita do fato novo digital. E quantas profissões dependem de redes? Na primeira edição deste livro refere-se, e muito bem, a massificação dos saberes da *net* (p.p. 292-295). Mas esta tem de ser muito mais completa e inclusiva. O Estado teria - tem – de ensinar todos, todas, a tratar a Internet por «tu» e a continuar essa viagem, que, neste momento, com a IA, tem com cada vez mais escolhos e mudanças de maré. Só que, no reino do TINA, o Estado esquece-se sempre dos cidadãos. «Vós que lá, do vosso império/ Prometeis um mundo novo (...)»

Lisboa, 2026-06-08

Nair Alexandra

Jornalista independente

¹ [ANACOM - 29,9% da população com literacia digital acima do nível básico e 38% das empresas com níveis "alto" ou "muito alto" de intensidade digital](#)